

LITERATURA SURDA: ANÁLISE DE POEMAS EM LIBRAS

Renata Ohlson Heinzelmann Bosse¹

Universidade Federal de Rio Grande do Sul

1. UM OLHAR DIFERENTE

Este trabalho sobre literatura surda tem foco na análise de duas poesias da mesma autora. A palavra “literatura”, em latim, significa instrução, conjunto de saberes ou habilidades de ler e escrever bem e relaciona-se com as artes da gramática, da retórica e da poética. Mas, no que diz o respeito aos surdos e, em particular, ao uso de uma língua de sinais na produção de uma literatura surda, consideramos a modalidade da língua e a experiência visual como possibilidades de manifestação poética.

Sabendo que a literatura surda tem uma tradição diferente, próxima a culturas que transmitem sua história oral e presencialmente com todas contadas em sinais. Além disso, todos os registros que já foram contados no passado permanecem na memória de alguns surdos, isso começou com o reconhecimento da importância da Língua de Sinais, principalmente após uma década de reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais, pela Lei 10.436 de 22 de abril de 2002, onde se constitui o documento mais significativo, no que se refere às pessoas surdas no Brasil, visto que por meio dele a Língua Brasileira de Sinais, reconhecida pela Lei nº 10.436/02 foi regulamentada pelo Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005. A importância das leis se referem a garantia de registro das memórias dos surdos, como afirmam Klein e Thoma:

A oficialização da Língua Brasileira de Sinais significou uma unanimidade nos movimentos surdos, mas, nesta última década, as pautas da comunidade surda vêm-se reconfigurando, sendo que as discussões relativas às políticas educacionais ganharam contornos de possibilidades de reafirmação de iniciativas de mobilização do povo surdo (2010, p.113).

As mobilizações defendem um estudo da Libras por aqueles que a ensinam ou a usam como língua de instrução. A Libras é uma língua extremamente versátil, e o seu

¹ Mestranda em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Graduada em Letras/LIBRAS pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010) e Letras pelo Centro Universitário La Salle (2008).

aprendizado demanda certo tempo. Também é importante considerar o conhecimento e fluência desta língua, portanto abordar esta língua não é somente tratar sobre o respeito às diferenças, mas conhecer a oportunidade dos surdos expressarem sua própria ideia, hipótese, maneira e tempo de aprender. Cada pessoa tem um jeito de aprender, de conhecer e de compreender o que lê.

A partir do registro da literatura surda, principalmente do reconhecimento da Libras e do desenvolvimento tecnológico, possibilitaram formas visuais de registro dos sinais com sua percepção visual muito forte espalhando a importância da literatura surda e as produções desenvolvida próximas a cultura surda onde tal temática vem sendo discutida no campo dos Estudos Culturais em Educação, com foco na cultura surda, abrangendo áreas como a educação e a linguística. Nas últimas três décadas, investigações têm proporcionado discussões sobre gramática da língua de sinais, sobre cultura e identidade surda (FERREIRA BRITO, 1993; QUADROS, 1997; SOUZA, 1998; SKLIAR, 1998, 1999; KARNOPP, 1999; PERREIRA, 2002; QUADROS; KARNOPP, 2004), sendo que tais discussões fornecem subsídios e reflexões que revelam também concepções sobre surdo, língua de sinais, ensino, cultura e fazer pedagógico. Sabemos que a literatura surda se apresenta em diferentes gêneros: poesia, história, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas e outras.

A literatura surda tem grande importância dentro da cultura surda, mas não se trata somente de língua de sinais. Existem manifestações culturais próprias dos surdos, que devem ser desenvolvidas e não só copiadas dos ouvintes. Por mais que as pessoas surdas através do convívio com ouvintes, em seu ambiente de trabalho ou com a família, se apropriam de meios visuais para entender o mundo e se relacionar com as pessoas ouvintes a forma de produção cultural permanece diferente. Essa experiência visual caracteriza a cultura surda e modifica a forma de entender a literatura. Desta forma, Karnopp (2006) afirma a literatura surda está relacionada à cultura surda e as publicações da literatura surda podem ser visualizadas de diferentes formas, através da “tradução”, “adaptação” ou “criação”.

Mourão (2011) define o termo tradução como uma possibilidade de encontrar materiais, traduzidos para a língua utilizada pela comunidade surda, que contribuem para o conhecimento e divulgação do acervo literário de diferentes tempos e espaços. A adaptação refere-se à pequena mudança em relação aos personagens principais que no contexto adaptado são surdos e o enredo da história adaptada permanece relacionado ao texto original. A criação é difícil de ser definida, mas em termos gerais, se trata de textos originais que surgem e são

produzidos a partir de um movimento de histórias, de ideias que circulam em determinado espaço e contexto em que o autor está inserido.

Para ter mais conhecimento, existem os materiais literários traduzidos em Libras podem ser encontrados na editora Arara Azul e na LSB (Língua de Sinais Brasileira) que possuem um grande acervo com traduções em escrita de sinais (explicar o que é escrita de sinais baseado em SUMPFF, 2005), interpretações e encenações em Libras de fabulas, contos e outras literaturas para incentivar os surdos a leitura.

As adaptações literárias também tem sido outra forma de incentivar a leitura, um exemplo é a história da “Cinderela Surda” (SILVEIRA; ROSA; KARNOPP, 2003), na história original Cinderela era ouvinte e no baile perdeu seu sapato, entretanto, na adaptação da história para a cultura surda, Cinderela perde as luvas e desta forma valoriza as mãos e, conseqüentemente, a língua de sinais.

As criações literárias dos surdos trazem muitos elementos da cultura surda, a exemplo do livro “Tibi e Joca” (BISOL, 2001), em que os personagens são surdos e passam por diversas aventuras. Outro livro é “As luvas mágicas do Papai Noel” (MOURÃO, 2012) que conta a história de um Papai Noel que perde suas luvas e ao receber novas luvas descobre que elas são mágicas, pois possibilitam a comunicação em Língua de Sinais com crianças surdas. Estas histórias são produzidas de forma criativa visando a fortalecer cultura surda.

2. POESIA EM LÍNGUA DE SINAIS

O objetivo é analisar a poesia em língua de sinais, pois há alguns anos isso não era possível: todas as diferenças do estilo poético como a metáfora, ritmo, rima, versos e estrofes eram impensáveis para o sujeito surdo e para uma língua de sinais. As poesias são inspiradas no orgulho da língua de sinais, que formam um ambiente onde a criatividade e as experiências de vida surgem como marcas da comunidade surda.

Para entendermos melhor a produção de poemas em Libras e em outras línguas de sinais é possível visualizar os poemas em DVD intitulado “Literatura em LSB” com Nelson Pimenta, da LSB Vídeo que tem publicado poemas muito conhecidos, como: “Bandeira Brasileira”, “Natureza”, “O pintor de A a Z (História com o alfabeto sinalizado)”² e “Árvore

² Poesias disponíveis em: <http://www.youtube.com/watch?v=xmOnY1B2jEI>, acesso 26 mar 2013.

de Natal” com Fernanda Machado. Também é possível assistir outros vídeos em Língua Americana de Sinais (ASL) no canal do *YouTube*³.

As poesias em língua de sinais estão ligadas diretamente a cultura surda onde estão inseridos os poetas surdos, segundo Karnopp:

Assim como em outras línguas, a poesia em língua de sinais explora os recursos lingüísticos para obter efeitos estéticos. A forma como os poemas são organizados, bem como os sentidos que se abrem a partir disso, fazem uma quebra com a forma que a linguagem é utilizada no cotidiano. Os poemas podem estar mais próximos ou mais distantes do uso que se faz com a língua de sinais no cotidiano, em geral, fazendo uma ruptura com a regularidade e tornando as formas lingüísticas completamente criativas e novas. (2006, p.16)

Os poetas surdos, na maioria das vezes, publicam as poesias em língua de sinais através do ambiente virtual, onde são postados vídeos de livre acesso e onde percebemos também uma produtividade na constituição e no fortalecimento de certa feição das produções literárias em Libras.

Além do mais, estas produções culturais surdas se tornam visíveis, acessíveis e aproveitadas para o estudo, para Cancilini (2008) os materiais não são simplesmente objetos e sim uma posse de significados com o seu valor contextual em que encontram as coisas na vida das pessoas que apresentam, lembrando que é onde uma coletânea sobre as poesias em língua de sinais, como esta se constituiu.

3. ANALISE DE DOIS POEMAS

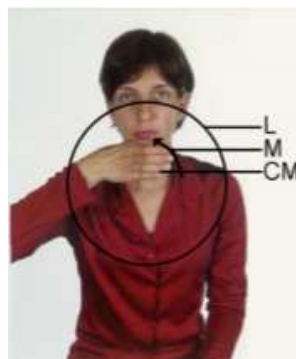
Assim, neste trabalho enfatizarei as produções da poetisa Rosana Grasse, em dois poemas. O primeiro é sobre nascimento e o outro sobre a natureza amig@. Em que analiso as diferenças destes dois poemas a seguir.

3.1 Poema “Nascimento”

O primeiro poema mostra a utilização da configuração das mãos, entretanto cabe ressaltar que a língua de sinais brasileira, assim como qualquer língua de sinais, é organizada

³ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Rdqf-czXLYw>, acesso 26 mar 2013.

especialmente, de forma bastante complexa. Onde se apresenta um conjunto de unidades menores que são compostas pelas configurações de mãos (CM), pelas locações (L) e pelos movimentos (M), como demonstra a figura abaixo:

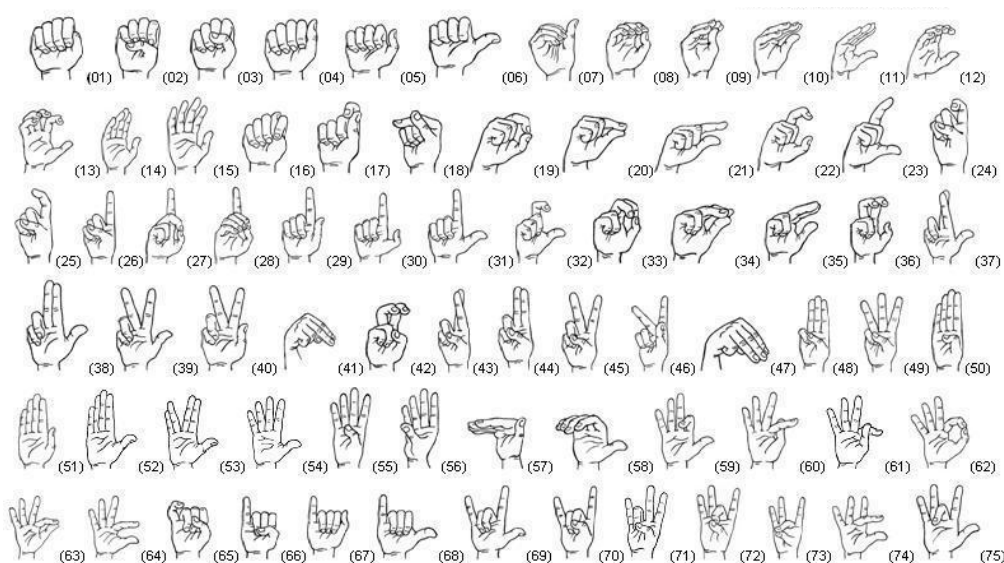


(QUADROS E KARNOPP, 2004)

O uso da configuração de mão é uma característica fundamental nas línguas visual-espaciais e está presente em todos os níveis de análise. No que se refere ao nível fonológico, um mesmo sinal pode ser realizado em diferentes locais, dentre eles o espaço neutro, que corresponde à área localizada na frente do sinalizante.

No poema “Nascimento” se utilizou as configurações de mãos (CM) para criar uma história relacionada à surdez. A configuração de mão pode ser a datilológica (alfabeto manual) e se apresentar de outras formas feitas pela mão predominante ou pelas duas mãos formando os sinais. As configurações de mão integram o sistema linguístico da língua se sinais, conforme a tabela abaixo:

Tabela das Configurações de Mãos

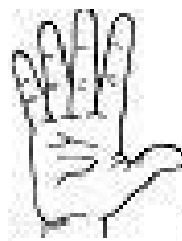


(FARIA-NASCIMENTO, 2009)

A poetisa apresenta o poema com a mão aberta, de acordo com o quadro acima, segundo Sutton-Spence (2005), no nível lexical, a repetição da configuração de mãos abertas ou fechadas possibilita a criação de imagens positivas, alegres ou tensas e negativas, respectivamente. As configurações utilizadas seguem abaixo:



N° 15



N° 54

Estas configurações que serão representadas no poema “Nascimento” em configurações de mãos abertas ou inicialmente abertas e semiabertas. Para entender estas configurações, observemos duas produções de sinais. Primeiro os sinais com as mãos completamente abertas: ASA, NASCER (repetido três vezes), CAUDA DE SEREIA, MAR, PESSOA (apontando para o corpo), MUNDO. Um segundo grupo dos sinais com configurações de mãos semiabertas: CABELO-CRESPO (repetindo duas vezes), BOCHECHA, CEU, PEITO, CORPO-FORTE, FORMA-CORAÇÃO.

Para finalizar, consta-se que não existem sinais fechados, no primeiro grupo de observa-se oito sinais e no segundo sete sinais. O poema está representado, basicamente, configurações de mãos totalmente e parcialmente abertas, entretanto não apresenta uma relação com a história dos surdos. Estes números das configurações de mãos representados no poema construíram uma história que não se liga com a história de surdos simplesmente com seus estudos linguísticos valorizados assim como em outras línguas, lembrando que a poesia em língua de sinais explora os aspectos linguísticos para obter efeitos estéticos. O poema tem a sua organização na utilização das configurações de mãos que se repetem e sua forma na utilização de uma linguagem cotidiana onde se formam aspectos linguísticos completamente criativos e novos.

3.2 Poema “Natureza amig@”

O segundo poema mostra uma história que foi muito marcante para a comunidade surda. O poema é uma narrativa que traz uma história que se atualiza ao ser contada, tem a sua possibilidade de continuidade de acordo com o que lembra e seleciona para contar o

acontecimento infeliz na história da comunidade surda. Este poema conta sobre o sofrimento dos surdos no período do oralismo. Conforme Wrigley:

As histórias das comunidades surdas, em particular no século passado, registraram basicamente uma opressão direta de suas linguagens distintas e de sua identidade cultural e social. Isso não foi sempre assim, quando as comunidades surdas eruditas floresciam na Europa do século 18. Na América colonial, os surdos americanos estavam entre os membros mais educados de suas comunidades. Infelizmente, como parte de uma expansão pan-europeia de nacionalismo e a paranóia que a seguiu de 1870 atravessando a virada do século, grupos étnicos e línguas minoritárias sofreram uma vigorosa perseguição. [...] As linguagens de sinais, também, foram vistas como suspeitas e foram reprimidas onde possível. Em 1880, em Milão, Itália, uma Convenção Internacional de Educadores dos Surdos – na qual apenas um educador surdo estava presente – passou uma resolução, agora vergonhosa, que baniu o uso da linguagem de sinais na educação das crianças surdas e declarava ainda que as linguagens de sinais deveriam ser forçosamente erradicadas. (1996, p.34)

Não repetirei a história em Milão, simbólica da opressão da língua de sinais, que pode ser encontrada noutro local, mas ela é crucial para a compreensão da história das culturas dos Surdos hoje. Este poema traz elementos marcantes na história dos surdos. Ele não trata abertamente sobre as questões de oralização e o Congresso de Milão e a proibição da utilização da língua de sinais, mas, de forma sutil, é possível perceber esta marca durante a sinalização da poesia. Um exemplo é o movimento apresentado pela poetisa durante uma sinalização e o movimento de esmagamento das mãos representando a proibição da língua de sinais, em outro momento o dedo indicador se desloca em direção a boca seguida de um movimento de horror ao levar as mãos aos ouvidos demonstrando uma pressão, isso significaria a oralização, o treinamento da fala e por consequência a proibição da utilização da língua de sinais. O poema finaliza com o surgimento de uma árvore que demonstra claramente as mãos que surgem e se transformam em amigas, retirando os aparelhos carregados pelos surdos e marca a utilização da língua de sinais. Neste sentido é possível observar uma ambiguidade nos movimentos e mesmo sem parecer de forma clara, existe uma contextualização histórica por trás da sinalização.

Mesmo com os aspectos positivos apresentados ao final sobre a língua de sinais como o salvamento da árvore através da sinalização, é possível perceber o período do oralismo na história dos surdos, as marcas de angústia na comunidade surda e na educação de surdos. Cito Wrigley para explicar oralismo:

Oralismo é o nome dado àquelas abordagens que enfatizam a fala e a amplificação da audição. O Oralismo também implica uma rejeição estrita e rígida de qualquer uso da linguagem dos sinais. Assim, oralismo tanto é uma ideologia quanto um método, e com uma teleologia distinta. Quando a fala era considerada um dom de Deus, separando os homens dos animais, era um pecado permitir que os surdos permanecessem em silêncio. (1996, p.16)

A pessoa provavelmente assumirá que a alegação tem algo a ver com a ideia de ter estado ruim na memória, ou com senso de perda que ocorreu. Talvez algum senso de culpa os leve a insistir que eles, surdos, nasceram com alguma marca excludente de diferença. Para aquele que ouve, a surdez representa uma perda de comunicação, a exclusão a partir de seu mundo. Em termos proibição de língua de sinais, oralismo, são uma marca de desaprovação, onde existem muitos poetas surdos que utilizam a forma de arte poética em língua de sinais para mostrar a opressão e o sofrimento a que a comunidade surda esteve sempre sujeita.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As análises destas poesias surgiram da realização de uma oficina em comemoração ao dia dos surdos na Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul que contou com a participação de surdos e ouvintes de diferentes idades. Durante a realização da oficina foi contextualizado que se tratava de poesias surdas, a primeira a ser exibida foi “Nascimento”, os participantes assistiram, mas disseram não observar nada de diferente na realização desta. Entretanto, ao visualizar a segunda poesia “Natureza amig@” os participantes surdos reagiram rapidamente afirmando conhecer a história da proibição da língua de sinais e a obrigação em oralizar, sinalizando de forma contextualiza e coerente. Voltei a questionar sobre as percepções durante a realização da poesia “Nascimento” utilizando do esclarecimento sobre as configurações de mãos, e então foi possível alcançar a compreensão.

Neste sentido foi possível constar através da análise realiza por mim e da observação da reação de um grupo, que a literatura surda está fortemente vincula a cultura surda e as marcas na história da comunidade surda. A literatura é apresentada em língua de sinais e trás uma construção linguística, mas é são as narrativas que atravessam o tempo através das experiências de vida comum aos surdos é que marcam a literatura. Existem relações entre surdos e ouvintes, mas são as narrativas poéticas que contam as tristezas e angustias do passado e a segunda poesia, “Natureza amig@”, que carrega uma sensação de felicidades por

apresentar ao final a utilização da língua de sinais como forma de expressão da valorização desta língua na comunidade e na educação dos surdos.

Sendo assim, a língua de sinais torna visível uma variação de hipóteses das tradições culturais. Em volta da exigência da cultura surda, sem limitações e assistência dos laços das gerações cruzadas, é um exemplo para fortalecer a comunidade surda, a identidade e o respeito da língua. Aos poucos, a língua de sinais conseguiu espalhar esta conquista, o reconhecimento formal da comunidade surda, provando que ela nunca morrerá, muito pelo contrário, sobreviverá à proibição tornando-se ainda mais rica com os seus aspectos linguísticos e culturais. Desta forma, as línguas de sinais constroem a espacialidade numa gramática e sintaxe baseadas no visual que não estão ligadas com as línguas faladas. Certos aspectos dessas culturas não podem ser adequadamente transmitidos através deste veículo textual, um veículo ligado à modalidade visual.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANCLINI, N. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização.** Tradução de Mauricio Santana Dias. &.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. **Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica.** TESE DE DOUTORADO. UNB: Brasília, 2009.

KARNOPP, L. B. **Curso de licenciatura em Letras-Libras.** Material de estudos da disciplina de Literatura Surda. Florianópolis-SC. UFSC, 2006.

KLEIN, M. e THOMA, A. **Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil –** Cadernos de Educação/Faculdade de Educação – UFPel, ano 19, n.36 (mai.-ago.2010). Ed. UFPel. Pelotas,RS

MOURÃO, C. **Literatura Surda: um olhar para as narrativas de si -** Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Ed.Ulbra, 2011.

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira:** estudos linguísticos. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

SUTTON-SPENCE, R. **Analysing sign language poetry.** Londron: Palgrave Macmillan, 2005.

WRIGLEY, Owen. **The politics of deafnes.** Washington: Gallaudet Universty Press, 1996.